



Independência de Angola atuação de um removedor de mofo (Ovídeo de Andrade Melo). . JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS *

Em meados de 2014 faleceu o diplomata Ovídio de Andrade Melo, uns dos protagonistas brasileiros no ineditismo do Brasil na independência de Angola, em novembro de 1975. Contudo ainda hoje o reconhecimento do Estado brasileiro levanta curiosidades e suspeitas dos reais motivos que levaram a tal feito. Uma vez que em Angola sua independência de Portugal foi liderado pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), movimento que tinha ligações ideológicas com o marxismo e teve o apoio efetivo da então União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) e de Cuba, o Brasil nesse momento vivia o regime Civil-Militar ligado a direita conservadora e ideologicamente aos Estados Unidos. Nesse cenário de Guerra Fria como foi possível esse reconhecimento brasileiro que foi o primeiro país ocidental a fazê-lo. São questões que aparecem na tese de doutorado: “Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria (2015)”. Para esse artigo utilizamos parte dos documentos inéditos de correspondências do então representante especial de Angola Ovídeo de Andrade Melo como o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) evidenciando os caminhos que levaram o Estado brasileiro reconhecer a independência de um país cujo movimento que estava à frente, o MPLA ia contrário aos ideais do estado ditatorial brasileiro.

Palavras-Chaves: Angola – Brasil – Guerra Fria – Diplomacia

* Doutor em História pela PUCSP, docente colaborador do departamento de História da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Contato jose.francisco.puc@gmail.com

Introdução

Ao longo dos memorandos e telegramas enviando ao Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) verificamos atuação do diplomata Ovídio Melo junto a Representação Especial do Brasil em Angola. Neste contexto importa salientar que durante o período do ano de 1975, houve visita de seus superiores a Angola, em uma delas o chefe do Departamento para África, Ásia e Oceania, Italo Zappa, fica impressionado com estado de Luanda por conta do conflito entre os três movimentos. Esse impacto, atrelado a conversas com líderes dos movimentos, levou a escrever um memorando particular para o chanceler Francisco Azeredo da Silveira, que nos foi concedido pelo diplomata Ovídio Melo quando o entrevistamos para nossa dissertação. Cumpre observar que os documentos foram cedidos pelo historiador estadunidense Jerry Dávila à Ovídio Melo, que incluiu em seu livro *O removedor de Mofo do Itamaraty* (2009). Sobre os documentos,

*Transmito: “Em cumprimento aa missão recebida, cheguei hoje a Luanda a fim de pessoalmente fazer uma avaliação da situação local, a cidade está tranquila na aparência, comparada com a que vi em dezembro passado vg [sic] é irreconhecível: lixo nas ruas, trafego escasso, ausência de policiamento ostensivo, sinais, enfim, de que vive num intervalo da luta, esta, pelo que observei, foi intensa e indiscriminada, estou convencido de que a qualquer momento a luta será reiniciada, desta vez com caráter muito mais grave, por que antecedida de período para preparação logística nos dois lados: MPLA e FNLA, em companhia do ministro Ovídio Melo, acabo de entrevistar-me com o primeiro ministro José N’Dele, decorridos três dias desde nossa ultima entrevista, realizam em Kampala, encontrei-o desta vez num estado de espirito que não hesito em classificar de desesperado e desesperador, não ficou a menor dúvida de que José N’Dele quis avisar ser iminente ou mesmo já ter ocorrido decisão do governo e afastada da cidade, aconselhou reiteradamente sob a evacuação do corpo consular e disse ter reformado seu parecer a retirada da população, pois “não se pode pedir das pessoas sacrificios dessa natureza”.**

* Telegrama da Representação Especial brasileira em Luanda para (particular) para Ministro de Estado (Chanceler Francisco Azeredo da Silveira), caráter – Urgentíssimo –. Em 05/08/1975.

Como discurremos, Italo Zappa ficou impactado com a situação que encontrou Luanda: as ruas vazias, lixos, ausência de policiamento. O cenário por ele apresentado era de total catástrofe. Além deste cenário, a conversa com o primeiro ministro José N’dele, ligado a UNITA, informou sobre a possibilidade de novos conflitos mais graves dos que já havia ocorrido. Não obstante, N’dele discorreu que muitos diplomatas já haviam saído de Angola. Diante deste panorama, Zappa faz as seguintes considerações,

Contra a opinião do ministro Ovídio Melo, sou levado, por tudo quanto vi e ouvi, a solicitar a vossencia [sic] considerar a decisão de ordenar a imediata retirada dos três funcionários do Itamaraty que permanecem neste posto sua permanência aqui já não serviria a nenhum objetivo, pois está claramente desborda a situação constitucional que a justifica, ao contrário, poderá essa permanência ser contraproducente na partir do momento em que pudesse ser interpretada como apoio a um dos movimentos, não equidistância em relação aos três, repito que foi representante máximo de um dos três movimentos que reiteradamente aconselhou a evacuação do pessoal do corpo diplomático, hoje de manhã cerca de três mil postulantes de visto colocaram-se, em desespero, frente ao consulado a fim de exigir concessão de vistos, o ministro Ovídio Melo aclamou-os com vagas palavras sobre a cooperação do Brasil com Angola, a tendência é que essa pressão sobre o consulado aumente e que venha a ocasionar incidentes de consequências imprevisíveis, se o consulado fica provisoriamente confiado à guarda de funcionários locais, mais facilmente poderão estes opor-se à pressão de todo o tipo, pois se tornará mais compreensível que a decisão não é do cônsul ou do Representante Especial, mas das autoridades competentes do governo brasileiro, Zappa.³

Italo Zappa, influenciado pela situação que viu Luanda e pelos conselhos do representante da UNITA, José N’Dele, pediu a retirada do representante especial Ovídio Melo, pessoa que havia escolhido para o cargo, eles eram amigo de infância⁴. Pelos fatos relatados por Italo Zappa é compreensível seu pedido, independente da

³ Telegrama da Representação Especial brasileira em Luanda para (particular) para Ministro de Estado (Chanceler Francisco Azeredo da Silveira), caráter – Urgentíssimo –. Em 05/08/1975.

⁴ SANTOS (2015, p.138) em nota discorreu *A respeito da nomeação de Ovídio de Andrade Melo salientamos o que Gaspari escreveu: Zappa obtivera do ministro Ovídeo de Andrade Melo, seu amigo e colega, para a chefia de uma representação brasileira junto ao governo de transição. Teria o título de cônsul-geral em Luanda e seria reconhecido pelos três movimentos, mantendo em relação a eles uma posição de neutralidade. Famoso entre os colegas por esquerdista e pela contundência de suas observações, Ovídio recebeu o posto nevrálgico sem contestação. Cumpria-se uma escrita do Itamaraty segundo a qual as convicções políticas dos diplomatas se tornam irrelevantes quando se trata de preencher posições fora do eixo Roma-Paris-Londres-Nova York. Ele trocara Londres por Luanda, nas terras do fim do mundo. Antes de seguir o posto, procurara aprender alguma coisa sobre Angola enfiando-se nos arquivos do Itamaraty. Afora livros de referencia, encontrou apenas telegramas que refletiam décadas de apoio ao colonialismo português e desprezo pela luta dos nativos. Apud.(GASPARI, 2004, p.139-140)*

influência de N'bele tenha dado, pois Luanda a essa altura estava sobre poder da MPLA.

Temos que pensar na integridade física dos representantes brasileiros que estavam lá, embora, como podemos ver pelo memorando, Ovídio Melo não tinha interesse em abandonar seu posto.

O chanceler Francisco Azeredo da Silveira, em seu livro de memórias *Azeredo da Silveira: um depoimento* (2010), embora em alguns trechos discorra sobre Angola, em nenhum momento comenta sobre episódio que envolveu a Representação Especial Brasileira em Angola, esse fato no mínimo curioso tem os seus motivos, o memorando que vimos acima de Italo Zappa nos foi fornecido pelo hoje ministro Ovídio Melo, como já mencionado.

Além desse memorando, Melo nos forneceu outro que é a resposta de Azeredo da Silveira que tudo indica queria que esse memorando fosse destruído após a sua leitura. Não obstante, esses documentos estão como já citato no livro *O Removedor de Mofu do Itamaraty* (2009).

Azeredo da Silveira discorreu,

Em resposta ao seu particular de hoje devo dizer a você, em primeiro lugar, que nunca tive dúvida de que deveríamos, eventualmente, pagar um preço por termos criado a Representação Especial junto ao Governo de Transição de Angola. Esse ato político consciente que praticamente leva-me – e o digo com absoluta franqueza – a concordar com a posição de Ovídio. Nossa posição de estrita não intervenção nos assuntos internos de Angola – manteremos – não nos levará a qualquer apoio ostensivo a qualquer dos três Movimentos, mas não impede tampouco de acreditar que, seja para o Brasil, seja para o universo ocidental a que pertencemos, uma eventual derrocada do MPLA no confronto com a aliança FNLA/UNITA seja uma solução melhor do que o prevelecimento [sic] puro o simples do MPLA, de notória orientação marxista. Nada disso quer dizer que o Ovídio poderá deixar de contar, a qualquer momento e em qualquer circunstância, com o meu apoio integral. Estão sendo estudados, com a Marinha e a Aeronáutica, esquema de emergência. Por outro lado, além de guiar pelos termos do despacho-telegráfico nº220, especialmente sua pasta oficial que contem as instruções gerais, disponho-me a, de imediato, de modo a caracterizar a posição que antes esbocei, enviar funcionário diplomático, em serviço provisório, para substituir o Cyro e reforçar, com dois agentes de segurança, a parte de proteção física do Chefe da Representação Especial, no entendimento de que aí permaneceriam apenas tais funcionários, uma vez que já devem ter sido evacuados os familiares de brasileiros, lotados na Representação Especial. Creio que tanto você, quanto o Ovídio, me concedem o crédito de se um chefe acima de tudo humano. O que acabo de dizer representa, pois, o somatório de minhas convicções honestas e de minha avaliação do quadro, olhado quer do ponto-de-vista do interesse nacional brasileiro, quer de

considerações essencialmente humanas. (leia e destrua este telegrama, inclusive a fita respectiva). Um abraço muito afetuoso. Silveira.⁵

No conjunto de documentos fornecidos pelo diplomata Ovídeo Melo temos um intitulado: *Comentários aos textos telegráficos precedentes*. Nele Melo procura responder a questões inerentes aos memorandos expostos acima, que só ficou sabendo que ainda existiam ,após trinta anos do ocorrido por conta do já citado historiador Jerry Dávila, que em pesquisa na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro encontrou os memorandos.

Importa salientar que Ovídio Melo discorreu que ao chegar a Luanda, Zappa pediu para que Melo os levassem para um “detour” pela cidade, segundo Melo a maneira como encontrava a cidade deixou Zappa e Ouro Preto espantado, que pode evidenciar também pelo memorando que Italo Zappa enviou para Azeredo.

Para elucidar os fatos destacamos,

Zappa pediu-nos que lhe mostrássemos alguns dos estragos que os combates entre os Movimentos haviam causado à cidade. Isto era fácil, pois os maiores confrontos haviam ocorrido a uns dois quilômetros do Consulado. Num rápido "detour" mostramos aos recém chegados três arruinados edifícios da Avenida Brasil que antes abrigavam forças da FNLA, e que haviam sido atacados com bazucas e canhões pelo MPLA.

Zappa e Afonso Celso impressionaram-se com tão vastos estragos. Fomos depois para o Consulado e instalamo-nos no terraço, para lanchar e conversar. Em frente, na entrada da linda baía de Luanda, o tanque de gasolina de aviação da Shell queimava. Estava vazio do combustível, felizmente. Mas continha ainda gases que o levaram a incendiar-se por semanas consecutivas, sem explodir. Ao longe, em terra, certamente em Quifangondo⁶, troavam canhões. E esses tiros se escutavam perfeitamente no Consulado. Para Cyro, eu e Ivony, o incedio, o ruído da artilharia já era rotina diária. Mas para Zappa e Afonso era novidade incômoda. (MELO, 2009, p. 15)

Vemos que mesmo diante de um contexto de guerra, Melo ao discorrer sobre o assunto, tenta transparecer certa tranquilidade diante do cenário de destruição que Luanda se encontrava. Obviamente que o seu envolvimento com os acontecimentos não o permitia enxergar que realmente Luanda não estivesse em condições salubres. E,

⁵ Telegrama do Ministério das Relações Exteriores (Francisco Azeredo da Silveira) Particular para o Ministro Italo Zappa para, caráter Secreto - Exclusivo — Em 05/08/1975.

⁶ A respeito de Kifangondo, registramos um trecho do livro *A Batalha de Kifangondo 1975* (2013), organizado por Miguel Junior, nesse livro, o general Afonso de Castro discorreu, A batalha de Kifangondo enquadrou-se nos esforços empreendido pela FNLA que, depois de expulsa da capital, decidiu organizar forças e marchar para ela voltar. A chegada estava prevista para antes do 11 de novembro, dia em que o MPLA previa proclamar a independência. O objetivo era impedir a realização isolada do acto e também intimidar a população luandense para desencorajá-lo a participar do evento. Isso passaria por acções de flagelamento á cidade com artilharia pesada do Morro da Cal, seguindo de um assalto à capital com o apoio de mercenários e tropas zairenses. (JUNIOR, 2013, p13).

nisso tudo é curioso observar que alguém ligado a um ofício, que muitas vezes tem como adjetivos a vida de um *bon vivant* e, em nome de suas convicções, optou por permanecer como representante especial do Brasil em Angola. Sua retirada mediante o quadro que ele apresenta historicamente seria justificável mesmo que não representasse sua vontade. Contudo insiste em ficar demonstrando um comprometimento, que seu superior mais próximo (Zappa) não conseguia entender.

Ovídio Melo segue discorrendo acerca da curta estadia que Zappa teve em Angola e evidencia o encontro com José N'Dele,

Zappa, por volta das 6 horas da tarde perguntou-me se ainda seria possível ser recebido por algum membro do governo. O governo já era de um só Movimento, o MPLA. Telefonei para Lopo do Nascimento, primeiro-ministro do único Movimento no poder. Já havia saído do palácio. Telefonei então para José N'Dele, que fora primeiro-ministro da UNITA, mas que continuava no palácio, apenas porque o MPLA tinha ainda esperanças de que aderisse ao vencedor. N'Dele estava e nos recebeu. Fomos imediatamente vê-lo. E, ao entrarmos em sua sala mostrou fingido espanto e exclamou dramaticamente: "por que os brasileiros ainda estão em Luanda, na Representação Especial? Por que não saíram, seguindo o exemplo dos ingleses?". Depois, nos informou que ele próprio, N'Dele, deixaria Luanda no dia seguinte. E que compreendia agora a fuga dos portugueses de Angola. Sofreram muito, disse ele. N'Dele, que passara todo o ano sem definir-se, usando seu partido como um pêndulo entre o MPLA e a FNLA, agora definia-se de vez, explosivamente, porque tanto as forças militares da FNLA, quanto as da UNITA, tinham sido expulsas da capital. Não havia mais governo tripartite algum. O governo, agora, era só o MPLA. (MELO, 2009, p. 152)

Ao se reunir com o representante José N'Dele que podemos inferir a essa altura não representava nenhum dos movimentos, pelo menos não em Luanda, pois como já citado, os outros dois movimentos vão montar um governo paralelo em Huambo ou na altura ainda Nova Lisboa. Podemos inferir que para N'dele não interessante como representante da FNLA e UNITA, que a Representação Brasileira ficasse em Luanda, como o próprio Ovídio Melo expôs, Luanda naquele momento somente havia um movimento no governo o MPLA.

Como sabemos, o MPLA era ligado ideologicamente pelo menos por parte da cúpula do movimento a esquerda, nomeadamente a União Soviética e Cuba, grupos pelo que já apresentamos na conjuntura da Guerra Fria destoavam da conduta da Ditadura Civil-Militar, na qual se encontrava o Estado brasileiro.

Embora Italo Zappa fosse considerado de esquerda, e segundo o que vimos com Elio Gaspari, uns dos motivos da postura radical que Zappa começou após sua visita a Luanda, que foi a tentativa da retirada dos principais representantes da

Representação Brasileira. Todavia continuemos a ver que postura Ovídio Melo tomou perante a reação de Zappa,

Para mim, a explosão de N'Dele era irrelevante. Tinha eu em conta que a UNITA já se revelara insignificante como força militar nas lutas havidas e não tinha mesmo de participar do governo. O MPLA levava uma semana de acirrado conflito para expulsar as tropas do Zaire de Luanda e os guerrilheiros que seguiam Holden. A UNITA fora expulsa em uma hora, alguns dias depois, e fugira de Luanda sem tempo para vestir-se, com os sapatos nas mãos, segundo voz corrente na cidade. Zappa, no entanto, impressionou-se muito com o alarme e o pânico de N'Dele. E, quando voltamos ao Consulado, depois de um longo período de silêncio, postou-se no meio da sala, pediu-nos que o escutássemos com atenção e declarou que já achava o sacrifício que fazíamos em Luanda, completamente desnecessário. Por isso, queria passar um telegrama para Silveira sugerindo que a Representação fosse fechada, e que nos retirássemos com urgência para o Brasil.

Opus-me imediatamente a esta determinação do chefe do Departamento. Disse-lhe que, pelas funções que exercia, poderia ele utilizar nosso telex para sugerir o que bem quisesse ao Ministro de Estado, até mesmo o fechamento da Representação, mas que imediatamente depois do telegrama dele, seguiria um telegrama meu, explicando porque eu insistia em que a Representação perdurasse em Luanda. Evidentemente, se em março havíamos chegado a Luanda proclamando isenção, equanimidade, neutralidade, entre os três movimentos; declarando que aceitaríamos qualquer deles como vencedor na data para a independência, agora, em agosto, não poderíamos nos retirar. Vencedor, já havia: o MPLA. E se nos retirássemos a esta altura do ano nada poderia assegurar-nos que o Brasil reconheceria a tempo e hora, em novembro, Angola independente. Se não reconhecêssemos Angola independente prontamente teríamos perdido todo o nosso sacrifício em Luanda durante oito meses de luta incessante. Moçambique ficaria ainda mais decepcionado conosco. E a África inteira diria que o Brasil não era confiável, nem no trato com os africanos que falam português. (MELO, 2009, p. 153)

Ovídio Melo segue narrando o episódio envolvendo Italo Zappa, Affonso Ouro Preto e Cyro Cardoso. Na discursão que, segundo Melo foi madrugada adentro até às três horas da manhã. Melo mencionou que até o conselheiro de Zappa, Ouro Preto ficou a favor da permanência da Representação Brasileira.

Às sete horas da manhã Ovídeo Melo convidou o representante do MPLA André Petrov para tomar café com Italo Zappa, Melo já alertou que Zappa havia encontrado no dia anterior com José N'Dele, com isso Melo queria que Petrov mostrasse a Zappa quais eram os caminhos que o MPLA doravante iria tomar. Antes de o Italo Zappa ir embora, Ovídio Melo pediu para que Zappa não enviasse o memorando. Fato que não ocorreu como vimos.

Registramos o que Ovídio Melo relatou sobre o episódio anos depois quando se encontrou com o diplomata Affonso Ouro Preto,

Muitos anos depois desses acontecimentos, quando Zappa foi nomeado Embaixador em Cuba, encontrei Affonso Celso Ouro Preto, por acaso, no

Itamaraty. Os jornais estampavam a designação de meu amigo para Havana, com grandes elogios, pois tinha ele boa imprensa. Ouro Preto e eu conversamos sobre as relações do Brasil com Cuba e coincidimos em elogiar a designação de Zappa para aquele posto. Depois lembramos aquela noite de discussões em Luanda, quando contestamos o súbito desejo que Zappa teve, de simplesmente encerrar a Representação do Brasil em Angola. Ouro Preto então me interrogou: “Você chegou a acreditar que Zappa houvesse mesmo desistido de passar um telegrama a Silveira, propondo o fechamento da Representação?”. Respondi que sim. Que acreditara nas declarações que o próprio Zappa havia feito a mim, no fim daquela noite de discussões, e depois porque, da África do Sul, ele me telefonara especialmente para dizer que havia desistido do fechamento da Representação. Então, Ouro Preto, rindo, disse-me: “Pois fique sabendo que ao chegar à África do Sul, ele logo passou um telegrama pessoal a Silveira propondo o encerramento da Representação. E Silveira imediatamente respondeu dizendo que isto era descabido e que ele, Zappa, deveria destruir os telegramas pessoais trocados sobre o assunto”. Cobrei do Zappa dias depois o que Ouro Preto contara-me. Fez ele cara de surpresa e exclamou: “O que Ouro Preto tem contra mim?” (MELO, 2009, p. 154)

No seu livro Ovídio Melo escreveu que não se surpreendeu com a atitude de Italo Zappa, pois havia uma grande pressão da imprensa e, nas palavras dele, dos setores “militares de direitas”, que não aceitariam o MPLA como líder da independência. Melo aponta outras questões importantes para nossa reflexão, pois, segundo ele seria inédita a relação entre o Itamaraty e, na altura, o Ministério da Guerra, como podemos ver no seguinte trecho,

Mais adiante, Silveira também vacilou quando, por ocasião da independência, verificou que, talvez pela primeira vez na História do Brasil, o Itamaraty e o Ministério da Guerra, então ocupado por Sílvio Frota discordavam sobre Angola. Foi isso que fez Zappa e Silveira esquecerem-se de criar a nova Embaixada no mesmo dia do reconhecimento, como me haviam informado antes da Independência. E formalmente me ludibriaram, quando passaram a me intitular de “Encarregado de Negócios” de uma Embaixada não existente. Assim também, mais adiante, depois da Independência, Silveira insistiu para que eu ficasse em Angola sem ter contato com o Governo. Respondi-lhe que achava isso totalmente absurdo e que, se quisesse me removesse de Angola para o Rio ou para meu posto em Londres. Por tudo que precede, creio que foi o Presidente Geisel quem, com sua conhecida firmeza, exigiu de Silveira e de Zappa uma posição mais destemida com relação ao reconhecimento de Angola, mesmo depois que os cubanos desembarcaram, exatamente na noite em que Agostinho Neto proclamou a Independência. (MELO, 2009, p. 156)

Ovídio Melo traz elementos importantes, como a dissonância entre o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) e o então Ministério da Guerra, hoje Ministério da Defesa. Melo aponta que o então encarregado do cargo, o General Sílvio Frota era contrário ao apoio ao MPLA, por ser um movimento ligado a esquerda. Mais adiante vamos ver que Frota discorreu sobre esse episódio em seu livro *Ideais Traídos* (2006).

Por hora, em entrevista concedida em sua residência no dia 23/10/2009, Ovídio Melo faz a seguinte consideração,

O Geisel, você sabe, não tinha apoio de todo o regime. O grupo do Sylvio Frota que era contrário e, veja, é uma das poucas vezes na história, que o chefe de Estado depõe um Ministro da Guerra [isto] e só em 1978. É, isso pode colocar em sua tese: a diplomacia sempre fica do lado das forças armadas e nunca do Rei, mas dessa vez foi ao contrário, ficamos do lado do Rei.

Embora, à época não vivêssemos em uma monarquia e, obviamente também não podíamos chamar de democracia, mas de qualquer maneira o que Melo nos aponta é que a diplomacia apoiava o “outro lado”. Não obstante, expôs que após o protagonismo do Brasil em relação a independência de Angola, o Estado brasileiro recuou mediante o governo que assumia o Estado angolano. Tanto que somente na virada do ano de 1975 para 1976 que o governo brasileiro criou a embaixada e queria, nas palavras de dele, “ludibria-lo” com o cargo de Encarregado de Negócios Estrangeiros, sem que houvesse uma embaixada e com recomendações de seus superiores que não dialogasse com o governo que lá estava. Melo obviamente recusou.

Os memorandos que Ovídio Melo enviou da Representação Especial Brasileira para o Itamaraty, os quais recebem o título de “*Afastamento histórico do Brasil em relação a Angola e necessidade de pronto reconhecimento da Independência deste país. Nº 256. Em 31/10/1975*”. O representante brasileiro discorreu justamente acerca do afastamento entre Brasil e Angola em todos os aspectos, comerciais, econômicos, políticos e culturais. E, mesmo o Estado angolano passando pelo processo de independência de Portugal, os laços entre ambos ainda seriam maiores que com Brasil.

Vemos, na maioria das fontes que utilizamos - em especial nos memorandos -, como também no livro escrito pelo próprio Ovídio Melo, que o mesmo buscava evitar que o Brasil repetisse o mesmo erro que cometeu na ocasião da libertação de Moçambique, que o Brasil demorou para se aproximar.

Ao mencionar a posição do ministro da Guerra Sylvio Frota, coloca que,

A questão de Angola não pode se encarada isoladamente, mas sim no contexto dos acontecimentos africanos, para que se possa bem aquilatar a responsabilidade e o facciosismo do nosso governo, reconhecimento a sua independência, no mesmo dia – 11 de novembro de 1975 – em que foi declarada pelos angolanos comunistas e seus comparsas cubanos-soviéticos. (FROTA, 2006, p183.)

Pelo tom jocoso da escrita do general Sylvio Frota, podemos inferir o seu descontentamento ao dizer que o governo brasileiro reconhecia a independência de Angola de forma parcial, chegando a usar o substantivo *comparsas* cubano-soviético, numa alusão a uma parceria negativa e que o Brasil dava anuência. Pelo próprio nome de seu livro - *Ideais Traídos (2006)*- Frota evidencia sua tendência de direita radical, que dentro da autocracia militar era conhecida como linha dura.

Não obstante, verificamos que o general Sylvio Frota dentro do seu radicalismo e aversão a esquerda e seus preconceitos, acabava fazendo uma análise superficial sobre o continente Africano, no nosso caso especificamente sobre Angola. Entretanto, Frota pontua em sua reflexão a respeito da exploração que sempre ocorrerá no continente, contudo expondo uma divisão entre a percepção de uma sociedade ocidental e oriental. Em que a ocidental seria melhor e que parte expressiva da África não estava inserida.

O autor evidencia sua repulsa pela postura que o governo brasileiro tomou ao reconhecer a independência de Angola, que foi uma conquista de um movimento de esquerda e em vários momentos cita a presença da URSS e de Cuba. Acredita que o reconhecimento do governo angolano estava ligado ao de Moçambique, mas a todo o momento deixa claro em sua opinião que o Estado brasileiro estava equivocado.

Ovídio Melo em seu livro e nos documentos que aqui foram analisados aponta que justamente um dos problemas que enfrentou no final da sua missão em Angola, o qual foi justamente de resistência de setores da autocracia militar, que ele nomeia de “militares de direitas”, que inclusive citam o nome de Sylvio Frota.

Para fortalecer essa questão destacamos o seguinte trecho de Sylvio Frota,

Não soube, com antecedência, da intenção oficial brasileira de reconhecer a República Popular de Angola, porque, como já mencionei, estas decisões eram, normalmente, tomadas pelo Presidente da República e o Ministro das Relações Exteriores e, somente pela difusão na imprensa, fiquei ciente do fato. Os comentários foram amargos – ouvi-os de muitos colegas e dos oficiais, em geral – visto que nos militares acompanhávamos com imensa atenção os acontecimentos revolucionário em Portugal e nas suas colônias. Interessávamo-nos muito por seus aspectos militares e ideológicos.

Na primeira oportunidade – durante uma audiência normal – disse ao presidente que a decisão sobre Angola repercutia negativamente, de base anticomunista, tivesse sido o primeiro a reconhecer Agostinho Netto, sustentado por tropas cubanas que combatiam naquela colônia portuguesa, na qual tinham sido implantadas duas repúblicas e a luta continuava.

Respondeu-me o presidente que aproveitara a existência do representante diplomático do Brasil em Luanda para concretizar logo o reconhecimento, pois se o retirasse, teria maiores dificuldades, no futuro. E nada mais disse. A debilidade da explicação persuadiu-me da ausência de argumentos sérios para justificar a sofreguidão da medida. Era, entretanto, a síntese da explicação oficial. Muitas indagações afloram-me à mente como lógica, contudo, por serem de difíceis respostas e irreverentes, abandonei-as. (FROTA, 2006, p198-191)

O general Sylvio Frota estava em dissonância com as novas diretrizes do regime, o presidente general Ernesto Geisel, procurava pautar as relações exteriores criando autonomia dos ditames estadunidense com o a Política Externa Pragmática e Ecumênica. Como vimos também, a política em relação ao continente Africano vinha mudando desde presidente general Costa e Silva, e com o presidente Garrastazu Médici, com o chanceler Mario Gibson Barboza, as mudanças foram ainda mais significativas.

O general Sylvio Frota, junto com os grupos de militares que compactuavam de suas ideias estava parado no tempo, como Ovídio Melo sinaliza, o conflito entre Frota e Geisel era inevitável e em 1977 há uma tentativa de golpe dentro do golpe e Frota é exonerado do cargo de ministro da Guerra.⁷

Registramos, que embora as críticas que o general Sylvio Frota faz ao reconhecimento brasileiro do governo da MPLA acusando de ser ligado a URSS e a Cuba, portanto, sendo contrário ideologicamente aos ideias do poder autocrático burguês, que mantinha ligações estreitas com o governo estadunidense, salientamos o que o chanceler Azeredo da Silveira falou,

[...] Antes de reconhecer Angola, consultamos os Estados Unidos, na época do [secretário de Estado, Henry] Kissinger, que não se opusera... Consulte a Alemanha, que não se opôs; consulte a França, que não se opôs; consulte a Inglaterra, que não se opôs. Ninguém teve coragem de me dizer que não devia reconhecer. Em uma conversa que tive com Kissinger, lhe perguntei sobre o que iria fazer em relação a Angola: “Vai entrar lá belicamente?” Ele disse: “Não posso”. Disse-lhe: “Bem vou tentar estabelecer, por meio

⁷ A respeito da exoneração de Sylvio Frota registramos as considerações do pesquisador Mathias Spketor, em seu livro *Kissinger no Brasil* (2009): Não surpreende que a linha dura tentasse resistir às mudanças também sob máscara da política externa. O caso mais patente foi a exoneração, em 12 de outubro de 1977, do ministro Sylvio Frota. O general comandava o Exército e não estava disposto a ceder poder e autoridade a Geisel, nem a avançar decididamente com a abertura. Quando tentou unir os militares sob seu comando para uma demonstração de força, foi sumariamente exonerado. Ao justificar suas desavenças com o presidente publicamente o fez sem referencia à política interna, centrando fogo na política externa. Sem atacar o regime nem o presidente, condenou a decisão de reconhecer a China comunista. O governo, acusou Frota, estava infiltrado por supostos comunistas: segundo ele, Silveira “não escondia a sua idiossincrasia desfavorável àquelas nações que exalavam odores socialistas”. Dessa maneira, uma vez mais a política externa de Geisel deve ser vista como parte do xadrez político da abertura. (SPEKTOR, 2009, p79.)

pacíficos, com Angola um relacionamento mais pluralístico do que você, que não quer fazer nem isso. Acho que é um erro você devia reconhecer” (SILVEIRA, 2010, p. 95)

Inferimos que ao contrário do que Sylvio Frota pensava, as relações na Guerra Fria não eram tão “preto no branco”. Como vemos acima, o Brasil antes de reconhecer a independência de Angola fez diversas consultas diplomáticas, entre elas ao EUA, país que, como sabemos, patrocinava os outros grupos (FNLA E UNITA). Azeredo diz inclusive que aconselhava o governo estadunidense a também reconhecer, todavia, até hoje as relações entre EUA e Angola são repletas de problemas diplomáticos⁸ decorrentes do período da independência.

Cumpramos observar que em seu livro de memórias, Azevedo discorreu a respeito do MPLA,

O que levou a apostar no MPLA?

Outro dia, o advogado José Nabuco, de quem sou amigo e que sempre aplaudiu a política africana – estou dizendo isso porque é pouco surpreendente -, me escreveu uma carta assim: “Você rompeu as lanças em África etc.” É dos estilos antigos, mas de apoio. Ele queria saber como é que tinha acertado com o MPLA.

Disse-lhe que tinha sido a coisa mais fácil do mundo porque o FNLA era mesma coisa que ter um partido boliviano no Paraguai ou vice-versa; ou de qualquer tipo de idiosincrasia negativa existente entre todos os países de fronteira na América Latina. Não tem um país, salvo o Brasil, que não tenha questão territorial com seus vizinhos. Isso divide muito mais a América Latina do que se crê. (SILVEIRA, 2010, p95.)

Os argumentos apresentados por Azeredo da Silveira com relação a justificativa de uma “aposta” na FNLA são pertinentes ao nosso trabalho, pois o mesmo reforça um debate que apresentamos algumas vezes no decorrer do texto, ou seja, problematiza a questão da FNLA. Considera a liderança de Holden Roberto ilegítima, tendo em vista que este era angolano, porém, havia sido criado no Zaire. Aponta certo afastamento deste líder, que mesmo envolvido na guerra civil, poucas vezes foi à Luanda. Faz, inclusive uma comparação, dizendo que a FNLA poderia ser vista como um partido boliviano no Paraguai.

⁸ O jornal On-line *Maka Angola*, em reportagem intitulada A Imagem de Angola nos EUA: Contradições e Desperdício, discorre justamente dos problemas que a relação Angola e Estados Unidos. Site http://www.makaangola.org/index.php?option=com_content&view=article&id=71:a-imagem-de-angola-nos-eua-contradicoes-e-desperdicio&catid=26:corrupcao&Itemid=256&lang=pt. Acesso em 28/07/2014.

Embora não tenha mencionado a UNITA, era outro grupo que tinha ligações estreita com grupo étnico dos Ovimbundos, do sul, mas o seu maior problema era seu vínculo político com o governo da África do Sul que pautava suas relações no regime do apartheid. Neste caso, o Brasil declarava-se contrario ao regime, no entanto mantinha contatos comerciais lucrativos.

Enfim, podemos dizer que a atuação de Ovídio de Andrade Melo foi essencial para que o Brasil construísse o posicionamento diplomático que mais lhe convinha. Podemos ainda considerar que embora o governo brasileiro hoje exalte seu protagonismo no reconhecimento da independência de Angola, esse fato se deu por conta postura contundentes de alguns representantes do Estado. Dentre os principais protagonistas neste processo podemos, nomeadamente citar o próprio Ovídio Melo; o presidente Geisel, com o estabelecimento de sua política externa pragmática e o chanceler Azeredo da Silveira.

Referencia Bibliográfica:

FROTA, Sylvio. *Ideias Traídas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JUNIOR, Migue (Org) . *A Batalha de Kifangondo 1975: Factos e Documentos*. Luanda: Mayamba, 2013.

MELO, Ovídio de A. *Recordações de um Removedor de mofo no Itamaraty: Relatos de política externa de 1948 à atualidade*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

SANTOS, José Francisco dos. *Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria*. Tese em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2015

SANTOS, José Francisco dos. *Movimento Afro-brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA) – “Um Amplo Movimento”: Relação Brasil e Angola de 1960 a 1975*. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, José Francisco dos. *Relação Brasil/Angola: A participação de brasileiros no processo de libertação de Angola, o caso do MABLA e outros protagonistas*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SPEKTOR, MATIAS (Org). *Azevedo da Silveira: um depoimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SPEKTOR, MATIAS. *Kissinger e o Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.